

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS. O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”

f Emancipação Socialista

(11) 98702-4048

www.emancipacaosocialista.org

Nº 7 15/11 a 14/01 de 2020

R\$ 2,00

AMÉRICA LATINA: QUANDO O POVO DIZ NÃO, TUDO PODE MUDAR!



3

DEPOIS DA CAMPANHA SALARIAL, A LUTA É CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA PETROBRÁS

6

ARGENTINA: PERONISMO NÃO É ALTERNATIVA

7

RECHAÇAMOS O GOLPE DE ESTADO NA BOLÍVIA

5

CHILENOS TOMAM AS RUAS CONTRA O NEOLIBERALISMO

6

VITÓRIA DO POVO NO EQUADOR. MAS, PODERIA TER CONQUISTADO MAIS

7

O QUE FALTA PARA A CLASSE TRABALHADORA BRASILEIRA SE REBELAR?

DA SÉRIE “PARECE PIADA, MAS É SÉRIO”

**“EU NÃO SOU BOLSONARISTA.
EU NÃO CRIEI O BOLSO DÓRIA”**

A frase absurda (essa ai acima) dessa edição é para desmascarar e lembrar que João Dória, governador de São Paulo e pretendente ao Palácio do Planalto, é especialista em negar os fatos, popularmente conhecido como um mentiroso.

E essa nem é a pior, pois a de ser “João trabalhador” é imbatível.



CAÇA-PALAVRAS DA LUTA

T	G	C	A	T	E	G	O	R	I	A	I
E	P	Y	L	I	B	E	R	D	A	D	E
C	C	O	N	S	C	I	Ê	N	C	I	B
A	V	E	H	P	O	A	D	H	C	C	U
P	O	H	O	L	M	L	I	L	O	O	R
I	P	G	J	O	R	U	A	R	M	M	G
T	E	I	R	U	E	S	A	I	U	U	U
A	R	S	A	E	S	A	B	G	M	N	E
L	Á	L	Y	E	V	T	I	H	E	H	S
O	R	Y	A	L	E	E	I	N	E	A	H
E	I	R	E	V	O	L	U	Ç	Ã	O	H
U	O	C	O	M	U	N	I	D	A	D	E

justiça comunhão consciência liberdade comunidade burguês comum
revolução operário capital categoria povo classe rua amor dia greve

O QUE ROLA PELA LUTA DE CLASSES

Linha dura em paz com a milícia

Poucas horas antes do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, conforme depoimento de um dos porteiros do condomínio, o suspeito de conduzir o carro de onde partiram as balas que os alvejaram se fez anunciar para a residência do então deputado federal Jair Bolsonaro. Com a entrada autorizada, Élcio Queiroz dirigiu-se à casa de Ronnie Lessa, principal suspeito do crime.

O presidente atacou, em sua live semanal, a Rede Globo dizendo-se vítima de conluio. Há especulações de que tenha havido um falso testemunho do primeiro funcionário, pois outro porteiro depôs contradizendo o colega.

Existe pressão de cúpula do poder aliada à milícia: Ronnie Lessa tinha em seu celular, antes de depor, uma foto da Planilha anotada à mão pelo primeiro porteiro. Bolsonaro também admitiu ter tido acesso às provas com o objetivo

de evitar que fossem adulteradas!

Sem confiança no fim da corrupção e amargando a retirada de direitos dos trabalhadores, a população brasileira assiste a defesa de um regime ditatorial no país.

Eduardo Bolsonaro, em uma entrevista, afirmou que se a esquerda “radicalizar” a resposta poderá ser um novo AI 5. Esse, decretado por Costa e Silva no final de 1968, permitiu o fechamento do Congresso Nacional e prisões sem mandado judicial. Abriu o período mais terrível da Ditadura Civil-Militar em nosso país, aumentou torturas e assassinatos de críticos do regime.

Certamente ainda não falou tudo o que pensa e, a contar pelo histórico de sua família, deve esperar que outros assassinatos, como o de Marielle, ajudem o governo de seu pai, o que considera ser patriota e com Deus no coração.

A luta pela Independência da Catalunha

A Catalunha (Barcelona é a capital) é uma das “regiões históricas” da Espanha (as outras são País Basco, Andaluzia e Galícia), historicamente sob domínio de Madri, região onde está o Parlamento centralizado, a Coroa e a sede de governo central, o qual fala em nome do “Estado espanhol”.

Sempre lutou pela sua independência. Essa última onda de protesto teve início no ano de 2010, quando se organiza um plebiscito para saber se os catalães são a favor ou contra a Independência. Madri resiste tanto pela independência representar a perda da principal economia como por incentivar as outras regiões a também lutarem pela separação de Madrid.

Desde o início do século XX, se formaram grupos de independentistas na região espanhola. No decorrer da Guerra Civil Espanhola, o ditador Francisco Franco aboliu a autonomia catalã e impediu que se separasse autonomamente do Estado espanhol.

Em 2017, o Supremo Tribunal Espanhol condenou os principais dirigentes do movimento independentista catalão por sedição e outros crimes contra o Estado.

As manifestações na região começaram quando o presidente catalão e a principal liderança do



governo autônomo da Catalunha pediram novo Referendo para que averiguações de presos políticos fossem anuladas. O pedido foi negado e as manifestações começaram intensamente na região.

Durante algumas semanas ocorreram importantes manifestações e uma greve geral foi convocada pelas organizações sindicais Intersindical-CSC e Intersindical Alternativa de Catalunya-IAC.

Muitas bandeiras do movimento independente catalão, cartazes exigindo a liberdade de líderes presos, grandes barricadas e confrontos de manifestantes com polícia local. Foram cerca de 51 manifestantes presos nessas semanas de protestos.

Ocorreram também pequenas manifestações de apoio ao Estado Espanhol e de apoio às ações truculentas da polícia contra os manifestantes catalães, porém, muito menores do que aquelas em apoio a independência.

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

O jornal **CONSCIÊNCIA DE CLASSE** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Também estamos abertos a contribuição de texto de ativista de esquerda mesmo de carácter crítico às nossas posições.

Emancipação Socialista

é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência as ideias de Marx, as quais não consideramos como um dogma e sim um método vivo para a análise da realidade e da luta prática revolucionária. Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições envie mensagem para contato@emancipacaosocialista.org

PETROLEIROS

TRAÍÇÃO DA FUP/CUT LEVA CATEGORIA PERDER DIREITOS

A Campanha Salarial de Petroleiros e a luta contra a privatização tinham tudo para ter muita força e impor uma grande derrota ao governo Bolsonaro/Paulo Guedes. Mas, no meio do caminho estava a FUP (Federação Única dos Petroleiros, ligada a CUT) que aceitou a proposta rebaixada do TST e deliberou aos sindicatos de base que indicassem a aceitação.

PETROBRÁS E TST ATACAM DIREITOS

O lucro da Petrobrás alcançou a casa de dezenas de bilhões de reais, o que permitia conceder reajustes e, ainda, manter as cláusulas sociais dos Acordos Coletivos anteriores. Mas, com a ideia de garantir o lucro de acionistas a empresa escolheu o caminho de atacar direitos e, para isso, montou um operativo de ameaças e pressões.

A proposta da empresa retirava benefícios históricos, reajuste abaixo da inflação, implantação de Banco de Horas, supressão de cláusulas que dificultam demissões em massa, retirada de cláusulas de organização sindical, entre outros ataques. Em todo o país a proposta da empresa foi rejeitada, até mesmo no Rio de Janeiro onde os cargos de gerentes são em torno de 30% do total de trabalhadores.

A Petrobrás também contou com a colaboração do TST (Tribunal Superior do Trabalho), o mesmo tribunal que tem apoiado as várias medidas da Reforma Trabalhista.

A chamada mediação (mesmo artifício utilizado em outras estatais como Correios e Eletrobrás), o que na verdade foi mais uma camisa de força contra os trabalhadores, nesse período, impedia que houvesse greve. Situação que a empresa usou a seu favor, ganhou mais tempo e organizou melhor os gerentes e supervisores para novamente participarem das assembleias e votarem a favor da proposta da empresa e também pressionarem os trabalhadores com várias ameaças.

Após a marcação da greve para o dia 26, o TST entrou em cena outra vez e com outra proposta que não atendia as reivindicações da categoria que, “por coincidência”, após o aceite da FUP é logo aceita pela empresa. Entre outros pontos, estabelecia reajuste abaixo da inflação, Banco de Horas parcial e redução pela metade da Hora Extra em feriados para o turno.

FUP TRAI CATEGORIA E ACEITA PROPOSTA DA EMPRESA/TST

Essa proposta do TST, rebaixada, foi só o que a FUP/CUT precisavam para recuar. Horas antes de começar a greve, um vídeo de seu principal dirigente suspendendo a greve correu o país rapidamente. As suspeitas de que a FUP/CUT nunca quiseram a greve ficou comprovada.

A traição da FUP e a omissão da FNP foram um balde de água fria sobre a cabeça dos trabalhadores que, se sentindo sem respaldo das direções, não entraram em greve.

Nos sindicatos da FUP, somente a base de Minas Gerais entrou em greve e depois, também por orientação do sindicato local, recuou e aceitou a proposta da empresa como as demais bases.

A FNP deveria, desde o início, ter orientado a recusa do acordo, iniciado a greve da categoria e buscado apoio nas bases da FUP para se rebelarem contra essa direção. Mas, manteve sua postura seguidista às políticas da FUP e quando indicou a rejeição do acordo já era tarde com as principais bases já tendo aceitado a proposta do TST.

FUP/CUT: COMPROMETIDOS COM A GOVERNABILIDADE

Uma greve de petroleiros poderia alterar a conjuntura política do país, ainda mais, no momento de aprovação da Reforma da Previdência e das novas Emendas Constitucionais que mexem em direitos históricos como o 13º salário e outros. A empresa, o governo, o TST e a FUP/CUT sabiam desse risco e por isso fizeram de tudo para a greve não acontecer.

Tratamos dessa questão porque, na nossa avaliação, o PT e a CUT, apesar do discurso de oposição, não querem desestabilizar o governo e o regime. E, para isso, não avançam em lutas que podem colocar a governabilidade em xeque. É uma das razões de não terem, também, preparado a fundo a luta contra a Reforma Previdência.

Outras duas questões importantes para entender a postura política da CUT e dos petistas: 1) apostam tudo na eleição de 2022 e, como não são anticapitalistas, essas medidas de Bolsonaro e Paulo Guedes serão “aproveitadas” por um eventual governo petista. Ou seja, não precisarão se desgastar implementando as reformas; 2) era um momento chave para a libertação de Lula e quiseram mostrar que não estavam dispostos a radicalizar.



PREPARAR A LUTA CONTRA A PRIVATIZAÇÃO

Havia uma compreensão de que, além de preparar a Campanha Salarial, esta campanha deveria preparar a luta contra o processo de privatização que Bolsonaro e Guedes estão encaminhando.

A entrega dos poços de petróleo já efetivada e o plano de entregar 8 refinarias (em duas etapas) representam milhares de demissões e, também, a entrega para o capital privado de recursos que são fundamentais para o desenvolvimento do país.

A privatização das refinarias, por exemplo, vai ter impacto direto na vida de quem é trabalhador/a, pois as essas empresas vão determinar o aumento de preço do gás, gasolina e diesel.

Por isso, a vitória da Campanha Salarial era um passo importante na derrota do plano de entrega das refinarias para as empresas multinacionais.

Mesmo com essa derrota na Campanha, é preciso preparar a luta contra a privatização. Importante destacar que se trata de uma luta que interessa o conjunto da classe trabalhadora e não somente petroleiros, pois, como dissemos, os efeitos atingem todos/as.

Nesse sentido, entendemos ser fundamental a preparação de um Plano de Lutas para barrar os ataques de Bolsonaro e Guedes, que deve passar pela organização de comitês em defesa da Petrobrás envolvendo petroleiros, outras categorias, terceirizados, centrais sindicais, desempregados, entidades como a OAB, etc.

Na história do Brasil temos um exemplo interessante de campanha: “O petróleo é nosso” que envolveu vários setores da sociedade e foi fundamental para assegurar o controle estatal do petróleo.

Com uma campanha para explicar à população o significado da privatização e os seus efeitos, propostas como a de redução do valor do gás, da gasolina e do diesel acreditamos ser possível que a maioria se convença em defender o controle estatal do refino de petróleo.



INSTABILIDADE E LUTA DE CLASSES NA AMÉRICA LATINA

A instabilidade política atinge em cheio a América Latina. Isso quer dizer que as burguesias dos países estão com muitas dificuldades para governar e impor seus projetos econômicos.

Manifestações gigantescas e radicalizadas no Chile e Equador contra as medidas econômicas; a crise política no Peru (disputa entre dois setores de direita, dissolução do parlamento pelo Presidente e tentativa de golpe parlamentar das forças fujimoristas); derrota eleitoral do reacionário Uribe na Colômbia; derrota do liberal Macri na Argentina. E no Uruguai e na Bolívia a direita se fortalecem eleitoralmente. Na Costa Rica há a luta de estudantes e professores com ocupação de prédios para retorno da gratuidade e contra a cobrança da “taxa simbólica de manutenção”, mecanismo de privatização das universidades públicas

A instabilidade política atinge não só os governos de direita e liberais, mas também aqueles que se intitulam de esquerda e aplicam os mesmos planos liberais contra os direitos da classe trabalhadora. É o caso da Frente Ampla no Uruguai (que vai ter que enfrentar o candidato da direita no segundo turno) e de Evo Morales na Bolívia (que enfrentou um golpe organizado pela direita que o acusa de fraudar as eleições – veja artigo nesse jornal).

A tendência é a instabilidade continuar porque nem a burguesia e nem a classe trabalhadora têm condições de impor seu projeto, são muitas contradições. E se por um lado a luta da classe trabalhadora abre espaço e avança, as forças da direita se mostram bastante ativas.

AS RIQUEZAS DA AMÉRICA LATINA ESTÃO SENDO EXPROPRIADAS

A situação econômica e social da América Latina é explicada pela forma com que o capitalismo se desenvolveu na região, ou seja, não

é só o neoliberalismo uma trágica faceta dessa dominação.

Temos petróleo, minerais, água doce em abundância, terras agriculturáveis, parque industrial, etc. o suficiente para o povo ter uma vida decente, sem o risco da pobreza extrema.

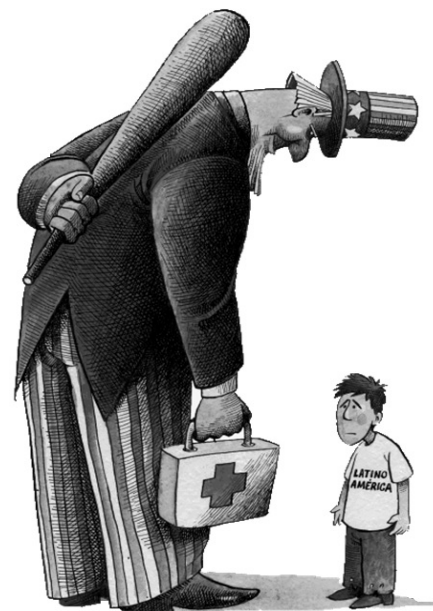
O problema é que no desenvolvimento do capitalismo no mundo, coube à América Latina o papel de fornecer matéria prima e produtos agrários para os países industrializados. E isso significa que boa parte das riquezas produzidas aqui são desviadas para os países ricos.

E a classe trabalhadora é duplamente explorada, pois precisa garantir lucro para a burguesia latino-americana e para a burguesia imperialista. É essa a causa primeira de tantas pessoas serem pobres no nosso continente.

LEVAM AS RIQUEZAS E SOBRA A POBREZA

Cada país e cada uma dessas mobilizações têm suas particularidades, mas há alguns elementos comuns a esses processos que ajudam a explicar as causas da instabilidade e que serviram de impulso para a indignação popular:

✦ Praticamente todos os países latino-americanos estão em profunda



crise econômica com taxas de crescimento em queda, endividamento, desindustrialização, etc.

✦ Para tentar resolver a crise, aplicam planos econômicos ditados pelo FMI que levam ao aprofundamento da retirada de direitos dos pobres para garantir os privilégios dos ricos. Com isso, a crise social também aumenta. Com o aumento da pobreza e do desemprego aumentam também favelas, pessoas em situação de rua, falta de serviço público. E quando há trabalho é cada vez mais precário com menos direitos e salários menores, etc;

✦ Há falta de perspectiva principalmente para a juventude, setor em que estão as maiores taxas de desemprego e estão os piores empregos como na área de telemarketing. Não sem razão vemos na linha de frente dos movimentos os jovens enfrentando a repressão.

CONTRA O SISTEMA... CAPITALISTA!

Nós, Emancipação Socialista, avaliamos que há uma profunda crise da subjetividade da classe trabalhadora, em que o elemento mais importante é a ausência da consciência de classe e conseqüentemente da consciência socialista, ou seja, o trabalhador/a não se reconhece enquanto classe e o socialismo não aparece como alternativa.

São várias causas, mas há uma que se aplica bem na situação política latino-americana: o papel desempenhado por governos que se dizem de esquerda e até socialistas (como o petista ou o de Maduro), mas aplicam planos econômicos com o mesmo conteúdo dos de Macri na Argentina ou Piñera no Chile. Para a população se tomam as mesmas medidas, são as mesmas coisas.

No entanto, essas mobilizações trazem algo novo ao dizer que estão também lutando “contra o sistema”. Enxergam como sistema os privilégios, a corrupção, a desigualdade, o desemprego, a falta de futuro e o não ter voz na sociedade em que os espaços democráticos são cada vez menores.

É um pouco confuso nesse momento, mas carrega o potencial do



nascer de uma consciência anticapitalista na medida em que venham a compreender que esses governos não são de esquerda e sim capitalistas, ou seja, a luta contra governos é também contra o sistema contra o qual lutam, o capitalismo.

UM PROCESSO CONTRADITÓRIO

As mobilizações populares são sem dúvida um sopro de esperança para a classe trabalhadora latino-americana derrubar essas políticas econômicas que só causam miséria e têm sido tão fortes que os ricos e seus governos tremem.

Mas, não podemos desprezar a força e a capacidade de reação da classe dominante do continente.

Todo processo de luta que, mesmo de longe, ameasse seu domínio (e seus privilégios) é respondido com força. As manobras políticas (como a Constituinte que Piñera tenta no Chile) e os golpes de Estado (como na Bolívia) carregam forte repressão policial (igual em todos os países) e são algumas formas utilizadas. E, sem falar, as ligações estreitas com o imperialismo estadunidense.

Outro elemento importante a ser considerado é a existência de grupos de direita e extrema-direita (muitos com conotação religiosa fundamentalista – católica e evangélica) com influência nas massas da população. É o caso, por exemplo, do líder golpista na Bolívia que atua como “enviado de Deus”.

PARA ONDE VAI O CHILE?



Um aumento nas tarifas do transporte metropolitano de Santiago e a contundente resposta dos estudantes do Ensino Médio (que destruíram estações do Metrô na capital do país no dia 17 de outubro) fizeram com que uma onda de protestos violentos se estendesse para outras cidades do Chile.

A resposta do presidente ultraliberal Sebastian Piñera aos protestos foi imediata: no dia seguinte, decretou Estado de Emergência nas principais regiões do país; enviou forças do Exército chileno (os temíveis carabineiros) para reprimir os distúrbios e impôs o Toque de Recolher na Grande Santiago, algo que não acontecia desde 1987, no final do governo do ditador sanguinário Augusto Pinochet.

Ao mesmo tempo em que reprimia, Piñera fez um chamado ao Pacto Social com a oposição burguesa ao seu governo e anunciou um pacote de medidas “sociais” para tentar amenizar os efeitos da crise econômica como: a) combate ao aumento do custo de vida; b) combate à desigualdade de renda



(1% da população detém 26,5% do PIB) e aos efeitos nefastos da capitalização financeira da Previdência sobre a aposentadoria, que tem levado vários idosos ao suicídio (recebem menos de R\$ 900 das Administradoras dos Fundos de Pensão

sem conseguir comprar até remédios) e, segundo dados estatísticos, tem levado Funcionários Públicos, ao se aposentarem, receber cerca de 1/3 do que ganhavam quando estavam na ativa.

As medidas de Piñera pretendiam, supostamente, congelar a elevada tarifa de eletricidade, aumentar o salário mínimo, majorar em US\$ 30 as pensões dos mais pobres e criar um seguro de Saúde estatal em caso de catástrofes. Tudo em vão: nem a repressão e nem os Pacto e Pacote social de Piñera fizeram retroceder os protestos.

No dia 20 de outubro, supermercados, shoppings e cinemas ficaram fechados em Santiago e os 20 portos mais importantes do país paralisaram. No dia 21, as escolas não abriram em 42 das 52 comunas da região metropolitana de Santiago e em toda a província de Concepción.

No dia 23 de outubro, iniciou-se uma Greve Geral de 48 horas, convocada pelos principais sindicatos, a Federação Universitária, a Coordenação contra a aposentadoria privada, a Central Unitária dos Trabalhadores (CUT), a União Portuária do Chile, o Colégio de Professores, a Federação de Trabalhadores do Cobre (FTC), todos reunidos no Coletivo Unidade Social.

A participação dos trabalhadores das minas de cobre (principal ramo de atividade econômica chilena) foi um salto de qualidade e até os caminhoneiros (um dos setores responsáveis pela derrubada de Salvador Allende em 1973 junto com Pinochet, as FFAAs e a CIA) paralisaram as atividades e exigiam o fim do pedágio nas redondezas de Santiago.

Entre outras reivindicações, a Greve Geral apontou para a renúncia do bilionário Piñera (cuja fortuna é estimada em 2,7 bilhões de dólares); revogação do Estado de Emergência e retirada dos odiados carabineiros das ruas; supressão dos projetos de lei que prejudiquem o povo chileno como no caso das pensões e da Reforma Tributária; implantação de um pacote de medidas de emergência (acesso gratuito e de qualidade à Educação escolar e universitária e melhorias na Saúde pública, que registrou em 2018 a morte de 9.724 pacientes que aguardavam tratamento); por uma nova Assembleia Constituinte, que possibilite um modelo de desenvolvimento nacional, em superação ao neoliberalismo.

Em seguida à Greve Geral, veio a multitudinária manifestação de um milhão de presentes na capital do país, no dia 25 de outubro. Esses números seriam equivalentes a 12 milhões de manifestantes em Brasília, tomando por base a proporção da população chilena com a população brasileira.

No dia seguinte à manifestação, Piñera pediu a renúncia de todos os seus ministros. Agora, acena com

a possibilidade de um Congresso Constituinte, proposta que tenta se aproximar da Assembleia Nacional Constituinte defendida pelas entidades populares, mas mostra o quanto é limitada essa bandeira e quanto é uma utopia reacionária acreditar em um modelo de desenvolvimento nacional em contraposição ao neoliberalismo, sem superar o capitalismo.

Enquanto isso, a repressão governamental segue: os números oficiais até início de novembro apontam 21 mortos, 2.429 feridos, 5.400 detidos e 180 lesões oculares, vítimas de arma de fogo. A grande imprensa brasileira mantém um silêncio constrangedor, rompido somente com a transferência do jogo final da Taça Libertadores da América entre Flamengo X River Plate de Santiago para Lima, Peru.

Afinal, para a grande mídia – repetindo as palavras do ministro da Economia de Jair Bolsonaro, Paulo Guedes, professor universitário no Chile, na época de Pinochet – até pouco tempo, o Chile era a Suíça da América do Sul. Ao fecharmos essa edição, uma nova Greve Geral sacudiu o país e novamente um milhão de pessoas foram às ruas. Resta a pergunta: o que está acontecendo com a “Suíça dos trópicos”?

HAITI: A LUTA NÃO PARA

Já são dois meses de manifestações contra o governo de Juvenal Moise. O povo se mantém nas ruas exigindo sua renúncia e mudança na política econômica, contra a miséria, contra a falta de alimentos e agora a falta de água.

As greves gerais, as manifestações e os confrontos da população, exigindo liberdade contra as forças de repressão estatal, ocuparam novamente as ruas desde o fim da Minustah. E o povo haitiano não as abandonará para fazer acordos com representantes internacionais que sempre impediram, à força, que o país se tornasse efetivamente

independente, encerrasse séculos de intervenção política e de espoliação comercial, que deixam a população na penúria enquanto as riquezas são encaminhadas para o exterior.

Essas batalhas são positivas, mantendo o povo coeso e unido e com voz das ruas. Por isso não será fácil para os países imperialistas, aves de rapina, instalarem novo governo intervencionista. A oposição política e o povo exigem a renúncia de Moise e não abrem mão disso.

Apesar de reação nas ruas e de oposição política, o movimento da luta de classes não apresenta uma direção definitiva à revolução, pois

há fluxo e refluxo desse movimento na luta. A ausência de partidos revolucionários que reajam à conciliação de classes, que apresentem uma agenda de ruptura com o capital e a alternativa socialista impede que o movimento de luta da classe trabalhadora se fortaleça e modifique, de fato, os rumos do país. Por isso, não se pode afirmar, ainda, que haja um movimento revolucionário haitiano.

Contudo, o povo está nas ruas e já apresenta uma agenda com novas mobilizações. Pelo que tudo indica, o governo Moise não terá outra escolha a não ser a renúncia. Não está prevista, portanto, paz nem ao governo, nem aos intervencionistas.

EQUADOR: O QUE NÃO AVANÇA, RETROCEDE

O Equador vivenciou na primeira quinzena de outubro intensas manifestações que colocaram contra a parede o governo de Lenin Moreno, depois que anunciou um pacote de medidas neoliberais para servir de contrapartida a um empréstimo de 4,2 bilhões de dólares junto ao FMI. Dentre as medidas anunciadas tinham a redução de salários, diminuição nos dias de férias e, a mais polêmica, o corte de subsídios nos combustíveis, que vigora no país há mais de 40 anos, o que provocou uma elevação nos preços de 123%.

A rebelião de trabalhadores, estudantes e, sobretudo, indígenas tomou as ruas das principais cidades do Equador e obrigou o governo a se transferir de Quito para Guayaquil, depois que os manifestantes tomaram a Assembleia Nacional. Os protestos provocaram o fechamento das principais estradas do país e receberam uma dura repressão do governo, que totalizou em mais de mil presos, centenas de feridos e sete mortos.

A CONAIE – Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador passou a apoiar as manifestações que transbordavam as suas estruturas e tinham grande apoio popular. No dia 9 de outubro ocorreu uma Greve Geral e os manifestantes passaram a exigir a queda do governo de Lenin Moreno. Foi eleito com o apoio do ex-presidente Rafael Correa, mas logo rompeu e se aliou aos Estados Unidos e chegou até entregar Julio Assange, fundador do Wikileaks, às forças de repressão britânicas quando se encontrava em asilo político na embaixada equatoriana em Londres.

Lenin Moreno passou a atacar Rafael Correa e Nicolas Maduro de tentarem desestabilizá-lo, no que ganhou o apoio de Trump, Bolsonaro, Macri e outros presidentes de direita da região. Conforme as forças militares e a polícia nacional reprimiam o povo na rua, milhares de trabalhadores marchavam em direção à Quito dando demonstrações de que não pretendiam recuar.

As imagens que nos chegavam,

pela mídia tradicional ou pelas mídias alternativas, eram de um processo de lutas com muita participação popular. As manifestações foram tão intensas e grandes que chegaram a circular pela internet vídeos em que setores das forças de repressão deixavam de obedecer aos seus superiores e defendiam o povo, ou seja, chegou a se caracterizar uma verdadeira quebra na hierarquia militar.

UMA PEQUENA VITÓRIA

A revolta popular no Equador mostrou que quando o povo sai às ruas consegue obrigar os governos a recuarem de suas tentativas de intensificar ainda mais a exploração da população. O exemplo que fica é que a aliança do povo trabalhador, estudantes e indígenas, que já derrubou outros presidentes no país andino, pode estabelecer uma força que a própria repressão de um governo não pode conter.

O governo foi obrigado a recuar do corte de subsídios aos combustíveis numa reunião televisionada da qual participaram as lideranças da CONAIE. A disposição que as massas populares nas ruas tinham de derrubar o governo, infelizmente não foi levada pelas principais lideranças.

As jornadas de outubro equatorianas foram vitoriosas porque demonstraram a capacidade de luta do povo e obrigaram o governo a recuar nas medidas impopulares, mas poderiam ter avançado com a queda do governo de Lenin Moreno.

TINHA FORÇAS PARA AVANÇAR MAIS

Como o que não avança retrocede, as perseguições aos ativistas equatorianos prosseguiram após o fim dos protestos, sendo muitos acusados do crime de “rebelião”. Ainda, o governo voltou ao seu objetivo de cumprir as exigências do FMI e enviou para a Assembleia Nacional o pacote da Reforma Tributária que prejudica a classe trabalhadora equatoriana e beneficia os ricos.

A disposição de luta do povo equatoriano, os métodos empregados e a reação do governo estão bastante recentes em nossa memória para que nos preparemos contra esses ataques de medidas ultraliberais. Mais ainda, precisamos prestar atenção na necessidade de avançar nessas lutas quando a classe trabalhadora se levanta, sob pena de permitir que nossos algozes se reorganizem e voltem a atacar como ocorre agora no Equador.



ARGENTINA: PERONISMO VENCE ELEIÇÃO, MAS NÃO É ALTERNATIVA

Argentina é mais um dos países da América Latina em que podemos observar os caminhos percorridos por governos de direita, que dizem adotar o diálogo com a população trabalhadora, mas na verdade, a apunham.

São governos que insistem em promessas eleitorais que jamais serão cumpridas e mandatos autoritários que buscam retirar até direitos básicos da classe que precisa trabalhar para sobreviver, independentemente do nível de repressão para isso. Ou seja, os governos capitalistas de direita necessitam intensificar as forças repressivas para manter privilégios burgueses.

Isso, por si só, já deveria ser o suficiente para não permitir a reeleição ou que se elessem em novos cargos públicos. Muito menos, ter o mandato cumprido até o final.

UM GOVERNO TRÁGICO PARA A POPULAÇÃO MAIS POBRE

Maurício Macri é um exemplo: Prometeu, em 2015, 0% de pobreza; incentivo à indústria e ao comércio para criar emprego; redução da inflação (do valor da cesta básica); etc.

E chegou ao final do mandato, em 2019, com cerca de 35% da população abaixo da linha de pobreza; desindustrialização (+ de 14 mil empresas fechadas e 200 mil desempregados); desemprego acima de 10%; inflação acima de 50% ao ano com aumentos estrondosos em serviços públicos (luz – 2200%; água – 1100%; gás – 2040%). Além de privatizar quase todos os serviços e aumentar a dívida pública (com um último empréstimo de \$ 57 bilhões do FMI, que exigiu como garantia os cortes nas verbas da Educação, Ciência e Saúde).

Macri, durante seu governo, enfrentou a insatisfação e a resistência da população trabalhadora em várias ocasiões e avançaram em 2019: em maio, a sexta Greve Geral com a unidade das Centrais (contra a política econômica do FMI para beneficiar setor financeiro) e protestos pela legalização do aborto; em agosto/setembro, manifestações de rua (contra a fome e exigindo medidas de emergência alimentar); em novembro, Greve nacional de Professores (contra atraso de salário e repressão aos

protestos); etc.

Um governo atrelado aos mais ricos e que para manter os interesses, os privilégios e os lucros capitalistas intensificou a exploração sobre os mais pobres, o que está expresso nos números acima e nas lutas ocorridas durante seu governo.

Essa situação econômica do país, mesmo com apoio de Bolsonaro/Trump e com um número de votos, no segundo turno, acima das expectativas, não permitiu que Macri se reelegesse.

VOLTAM OS PERONISTAS, MAS A POLÍTICA ECONÔMICA É A MESMA

Com a eleição de Alberto Fernandez e Cristina Kirchner, peronistas, ditos de centro-esquerda tem-se a ilusão de que essa crise econômica e a grave situação do país se resolverão. Mas, as mudanças devem ser muito poucas e pontuais, pois no geral os projetos econômico e político de Fernandez e Cristina são muito parecidos.

Já apontando o caminho que seguirão, de diálogo com todos os setores da burguesia, reafirmaram logo após o resultado das eleições que não romperão com a política econômica e vão manter o compromisso de pagamento da dívida pública, mesmo tendo que voltar ao FMI.

E se em mandatos anteriores (2003-2015) de governos Kirchneristas as políticas assistencialistas favoreceram uma parcela pobre da população, não resolveram o problema da pobreza e o número de pobres aumentou em 5 milhões (segue hoje com 6 novos pobres a cada minuto).

Mesmo se declarando contrários às políticas neoliberais, as mantiveram mesmo de “forma adequada”, por exemplo, com subsídios às empresas, política que levou ao aumento do déficit no Orçamento público (chegou a 7% do PIB). Também falharam na política de controle da inflação, especialmente dos alimentos.

Enfim, a situação pela qual passa a classe trabalhadora argentina é resultado da aplicação de uma política que priorizou banqueiros e ricos. Desde os anos 90, com governos peronistas e radicais (União Cívica Radical), a implementação das privatizações, a retirada de direitos, a desindustrialização, etc. levaram ao aumento da miséria, do desemprego e da inflação, etc. (continua na próxima página)

PERONISMO NÃO É ALTERNATIVA PARA A CLASSE TRABALHADORA

A eleição do peronismo foi um castigo ao governo Macri, não pode ser encarada como uma vitória da classe trabalhadora, pois diante da crise do capital o que podemos esperar desse governo é apenas a insistência na tentativa de conciliação com a burguesia para intensificar a exploração sobre a classe trabalhadora.

A única possibilidade de reverter a crise econômica argentina é a organização da classe trabalhadora para impor um programa econômico que acabe com o desemprego, a miséria, garanta um plano de obras públicas, etc. Para isso, as principais centrais sindicais (CTA e CGT) devem romper o pacto que fizeram pela governabilidade e organizar a luta de forma unitária por emprego e pelo fim da pobreza. E não só para enfrentar as medidas de retirada de direitos, mas também para arrancar pelas mãos o que lhe é de direito: uma vida sem miséria.

COMO NO CHILE E NO EQUADOR, PRECISAMOS NOS REBELAR

Tudo parece normal, a burguesia e seus governos seguem aplicando seus planos contra os trabalhadores, as pessoas aceitando ser exploradas como se fosse a coisa mais natural de todos os tempos, no entanto, de repente as pessoas não aceitam mais a situação e se rebelam.

E quando há lutas, abre-se um tempo de mudanças. Criam-se formas de organização dos explorados, os governos e os poderosos são obrigados a recuarem e, principalmente, abre-se a possibilidade de derrubar esse sistema responsável pelas misérias e sofrimentos do povo.

A POBREZA E A MISÉRIA NO BRASIL

Muito diferente daquilo que os governos (Dória, Bolsonaro, etc.) dizem, a situação da classe trabalhadora está cada vez pior. Os problemas sociais se avolumam, uma política econômica voltada para manter os privilégios dos ricos, ataques aos direitos democráticos, entre outros tantos problemas.

✦ Falta emprego para 27,5 milhões de pessoas. Esse é o total de pessoas desempregadas (12,5 milhões), desalentadas (4,7 milhões) e de quem trabalha menos do que precisam (10,3 milhões).

✦ aumento da pobreza: Mais de 52 milhões de pessoas (25% da população brasileira) estão abaixo da linha da

RECHAÇAMOS O GOLPE DE ESTADO NA BOLÍVIA

Desde a última eleição presidencial na Bolívia, terminou no último dia 20 de outubro, com a vitória e reeleição pelo quarto mandato de Evo Morales, a população começou uma jornada de manifestações de ruas em várias cidades, a favor e contra esse resultado.

Os enfrentamentos apresentam alto nível de radicalidade com casas, de importantes lideranças do MAS (partido de Evo Morales), sendo incendiadas. Diante de tamanha força, a própria Polícia Militar e as Forças Armadas se rebelaram para não reprimir as manifestações organizadas pela direita.

Evo Morales, pressionado, aceitou uma auditoria da OEA que afirmava irregularidades nas eleições. Ele e todos em sua linha sucessória (vice-presidente, presidente do Senado, etc.) renunciaram e abriram espaço para a oposição de direita encontrar uma “saída institucional” para o golpe.

Nesse momento, a senadora Jeanine Añez, a segunda vice-presidente do Senado, sem contar com os votos do Congresso por falta de quórum, se autodeclarou Presidente da Bolívia.

Essa medida contou com o apoio de golpistas desde as Forças Armadas, que garantiram seu acesso ao Palácio Queimado, até Camacho que a acompanhou na tomada do Palácio. Ainda assim, dizer que “não houve golpe” é discurso de todo golpista e apoiadores, embora o golpe esteja escancarado.

A Bolívia foi um dos países que mais cresceu na América do Sul no último período, média de 5% ao ano. Longe de ser um governo de esquerda, o modelo econômico de Morales abriu espaço para empresas multinacionais em vários ramos da economia, como o rico setor de gás e petróleo.

Vemos que a revolta contra Evo Morales – que está sendo dirigida por um setor empresarial reacionário, vinculado ao

imperialismo e às igrejas neopentecostais – tem como objetivo oferecer melhores condições às multinacionais e ao imperialismo para atuarem mais livremente na região, principalmente nesse momento em que sofrem um revés com a derrota de Macri (na Argentina) e com as fortes mobilizações populares no Chile e no Equador.

É fundamental a mobilização de apoio e solidariedade ao povo boliviano no enfrentamento ao golpe reacionário.

Diante da renúncia de Evo Morales, que se recusou a resistir, cabe aos organismos da classe trabalhadora e dos camponeses assumir o controle do país, pois é a única classe que tem legitimidade por produzir a riqueza e fazer o país funcionar, enfrentar as Forças Armadas e a direita e organizar em cada local de trabalho os comitês de defesa. Essa é a única saída que pode interessar a classe trabalhadora, que precisa ser construída pela base dos movimentos.

levante contra todos esses abusos?

A NECESSÁRIA CONSTRUÇÃO DAS MOBILIZAÇÕES

Mesmo havendo muitos motivos para explosões e rebeliões sociais não é sempre que elas ocorrem. Se as massas trabalhadoras não sentem confiança para a luta, suportam o sofrimento até encontrarem forças para lutar.

Também não podem ser “previstas”. Só as revoluções conscientes – quando há organização da classe trabalhadora de forma consciente e com organismos de poder estruturados – podem começar com “data marcada”, mas mesmo assim não pode prever o seu desenvolvimento, pois dependem de vários fatores como a disposição das massas em seguir adiante e o papel das direções do movimento.

No entanto, serem imprevisíveis não quer dizer que as condições para ocorrerem não possam ser construídas. As denúncias das causas da miséria, apresentar aos trabalhadores propostas para acabar com as crises e a organização na base dos movimentos são algumas formas para construir as lutas da classe trabalhadora e ajudar no desenvolvimento de uma consciência de que a luta é o único caminho para as mudanças reais.

TEM ALGUNS OBSTÁCULOS, MAS VAI ACONTECER

Há muitos fatores a serem considerados para chegar ao ponto de a classe trabalhadora perder o medo, as ilusões nos governos e na classe

dominante e saírem às ruas.

Como vimos, razão para se rebelarem não faltam. Mas, no caso do Brasil, há alguns obstáculos que precisam ser superados.

O peleguismo das principais direções sindicais que, além de não organizarem a mobilização, traem quem está lutando e estão comprometidas com a gestão do capital e com a governabilidade.

A força que a direita conseguiu nos últimos anos também deve considerada, pois tem conseguido desviar a atenção, principalmente de setores médios da classe trabalhadora. E por outro lado, ainda não há no campo da esquerda anticapitalista, agrupações com força para mobilizar a classe trabalhadora.

Mas, é como se esses obstáculos não existissem quando a raiva do povo explode. E muitas vezes é por algo que ninguém imagina, como foram as manifestações em 2013 no Brasil com forte repressão policial; quando um camelô botou fogo em seu corpo em uma feira na Tunísia e deu início a Primavera Árabe, que derrubou vários governos na região ou contra o aumento das passagens em 4 centavos de dólares no Chile. É a chamada “gota d’água” que faz derramar a água do copo.

Mais cedo ou mais tarde, pelas condições sociais e o aprofundamento da crise econômica, esse processo de mobilizações vai chegar ao Brasil e tem tudo para ser num patamar superior superando tanto essas direções pelegas como a direita.

CORINGA: A REALIDADE

PERTUBADORA DE UM FILME

Lucas Santana

Antes de tudo vale ressaltar que o filme *Coringa* nada tem a ver com a dualidade fictícia herói x vilão. Não iremos entrar nas questões técnicas do filme, estética, apenas fazer umas observações sobre as questões que o filme discute da realidade que vivemos hoje. Iremos dar SPOILER!

Já se sentiu esgotado por causa do trabalho ou teve alguma outra insatisfação que de alguma forma estava ligada a ele? O filme discute isso e seu impacto na vida do jovem *Coringa* que é um palhaço que trabalha para um patrão, não tem amigos, se sente impotente diante de tantas questões sociais que envolvem sua vida pessoal e a forma que a sociedade é.

Há uma cena em que está na rua trabalhando com seu humor e em seguida um grupo de jovens o agride e quebra a placa informativa que utilizava no trabalho. O patrão desconta de seu salário.

Quem nunca se sentiu injustiçado por um desconto escroto como esse? Sofreu duas violências. Uma, de pessoas que seriam mais ou menos da mesma classe social, de graça, por nada, apenas por corrupção dos jovens em meio a um local social violento. Depois a outra, a violência do patrão que já o extorquiu para caralho com sua exploração e ainda aplica um desconto desse, mesmo sabendo da violência que sofreu e que tem uma mãe doente que cuida sozinho.

Ele tem um problema psicológico também. Vejamos mais uma questão da nossa realidade: um grande número de pessoas hoje tem problemas psicológicos, que sim, tem suas raízes nas relações sociais que estão envolvidas, seja a questão do trabalho, as responsabilidades que carrega, a rede de amizades, etc. Quando ele está desesperado começa a gargalhar. Muitos o julgam por isso, num diário seu escreve: “a pior parte de ser doente mental é que as pessoas querem que você aja como se não fosse doente”.

Voltando ao trabalho, um colega lhe arruma uma arma, que aceita para poder se defender. No dia que é flagrado pelo patrão com a arma é demitido. Isso porque o colega oportunista lhe ofereceu arma para poder “fazer dinheiro” e

acabou ferrando com o trabalho do *Coringa*. Essa arma depois é utilizada para matar os que de alguma forma o machucaram em algum momento. Os primeiros alvos foram agiotas, inclusive, foi muito oportuno serem os primeiros. Estava num trem e tinha uma moça em que esses três agiotas estavam perturbando, desesperado começou gargalhar e os três sujeitos vieram perturbá-lo por conta da risada o agredindo. Então, quando cai, apenas saca a arma e atira nos três e depois ainda dá o tiro por prazer. Quando o *Coringa* começa matar se sente mais leve, pois era como se livrar de um peso.

Outro alvo legítimo seu foi um apresentador de TV, que uma vez o chamou para participar do programa de humor e o tratou como objeto que rende piada, tirando sarro dele na TV. Depois foi para o programa novamente e dialogando sobre a merda que fez de mal para ele mesmo, PÁ! É difícil até imaginar que em algum momento quem assistiu não tenha se identificado, seja pelas mortes que executou (não todas), seja pelas humilhações e frustrações que passou.

Matou também o colega de trabalho que lhe forneceu a arma, numa visita que o alvo fez junto com outro colega de trabalho anão. Esse último ficou com medo pelo *Coringa* ter matado o outro colega, mas *Coringa* não fez o mesmo com ele porque nunca havia caçoado, nem mesmo tramado contra ele, nem mentido, ou seja, não fez nada de mal, então não foi um alvo. Sua mãe também virou alvo, pois mentiu a vida toda sobre ele e suas relações de família.

Quando o *Coringa* pega os seus primeiros alvos sai no jornal. Por não saberem de seu rosto exatamente criaram uma máscara de palhaço qualquer e adquire o visual pra si. Os primeiros alvos que eram os agiotas tiveram sua defesa nos jornais, os jornais burgueses falavam coisas como “como pode alguém matar o outro só porque teve sucesso na vida e ele não?”. Como seus alvos foram da alta classe, da socialite, ou melhor, da burguesia, manifestantes começaram a



utilizar a máscara do *Coringa* como um símbolo de classe. O contexto é como o que passamos hoje de retirada de direitos trabalhistas, programas sociais e ataques a tudo que minimamente dá amparo à nossa vida.

Nessas de arrancar direitos, passava com uma psicóloga pública, que na maioria das vezes nem ao menos o conseguia entender e dar o diagnóstico correto ou ajudar de forma correta, tanto que em um momento ele entra em conflito com ela apontando que sempre fala para fazer a mesma coisa e se entupir de remédios.

Depois nem ao menos essa psicóloga ele vai ter direito, pois cortaram a verba do Estado que ia para Saúde. E então cria mais uma preocupação, que é a de como pode ser atendido. Ele também para de tomar remédios porque sabe que as gargalhadas que dá são de desespero por todo o drama que viveu, não é algo biológico.

O filme discute os diversos problemas da atualidade, como a situação do *Coringa* cuidar da mãe doente sozinho, ocupado num trabalho precário sem direitos trabalhistas nenhum e extorquido pelo patrão, perde o emprego por culpa do colega de trabalho, não sabe sobre sua família, não tem amigos, tem problema psicológico, mais a violência física que por vezes é alvo.

Tudo isso se acumula num caos. Mostra-se o conflito de classes no trabalho, e o conflito

entre sujeitos que fazem parte da mesma classe social, principalmente porque a personagem não enxerga por essa questão de classe, mas apenas de como lhe faz mal, independente da classe social.

A grande lição é que no meio do caos sem ter uma alternativa palpável de projeto de mudanças da realidade o mais provável é acontecer uma reação imediata para eliminar os problemas, que pode ser essa ação individualizada violenta sem a ótica de classe.

Os reacionários não temem esse filme por achar que as pessoas podem querer sair matando todo mundo, mas porque é um filme que dá base o suficiente para enxergar algumas questões fundamentais como a contradição entre burgueses e trabalhadores.

Liberdade

Por Guilherme Siqueira de Andrade

Se eu fosse livre
As plantas nasceriam sem morrer
O sol brilharia até nos dias mais cinzas
A alegria visitaria a todos mesmo que por alguns segundos
A fome pediria desculpas e não voltaria a perturbar
A chuva cairia feito lágrimas de grandes emoções
A noite viria em forma de um poema de amor
E as estrelas seriam as velas da paixão
Não haveria fronteiras
Para que separar os povos?
Guerra seria apenas uma palavra
Sofrimento seria um sentimento obsoleto
A tristeza seria apenas para ilustrar poemas
Moradores de ruas seriam
Os boêmios que perambulam pelas ruas da cidade
E nessa terra só haveria espaço para grandes acalentos
Se eu fosse livre
Todos seríamos
Sem concessões, apenas livres